

a Página
da educação



A obra faz uma retrospectiva da formação do próprio autor, fruto da interação com outras pessoas, onde os papéis de formando e formador se cruzam continuamente e a pedagogia institucional e a pedagogia do oprimido deixaram marcas.

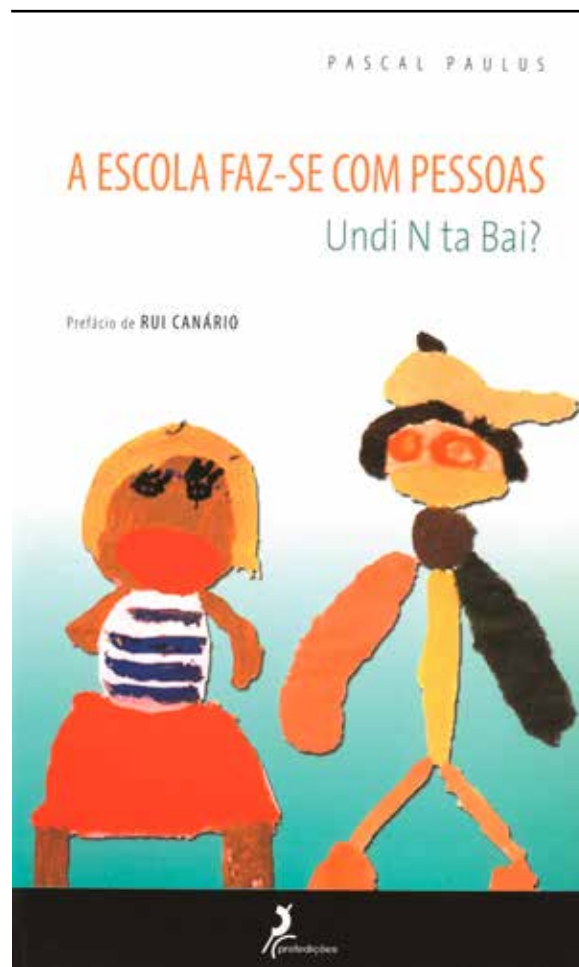
Reportando ao seu primeiro ano de trabalho em Portugal, numa escola da periferia de Lisboa, Pascal Paulus relata as angústias, as crises e os sucessos como professor de crianças com 7 e 8 anos de idade – crítico da escola castradora, defende uma intervenção educativa em que a construção de sentido permita às crianças aprenderem mais e melhor.

Natural da Bélgica (Ostende, 1957), Pascal Paulus formou-se como professor de ensino primário e foi cofundador da *escola de Appeltuin*, orientada pela pedagogia institucional de Fernand Oury, que se tornaria a primeira de um conjunto de escolas públicas geridas por pais e com projetos pedagógicos próprios.

Estabeleceu-se em Portugal em 1986. Associou-se ao Movimento da Escola Moderna (MEM), foi professor do 1º Ciclo e formador de professores (gestão do currículo e diferenciação pedagógica); esteve ligado a projetos centrados em territórios educativos de intervenção prioritária (TEIP) e foi consultor da Fundação Aga Khan; doutorou-se em Ciências da Educação sob orientação de Rui Canário. Atualmente, aprende “a ser avô e a escrever ficção com pessoas, educação e utopia dentro”

“Para mim, chegou uma outra fase da vida. De consultor de instituições passei a ser consultor de netos. No pouco tempo que sobra, decidi contar a minha interpretação dos perigos da ignorância e da arrogância associada.”

[+ informação em <https://sites.google.com/view/pascalpauluspt/>]





005. Contra ventos e marés... pelo 'bem comum'

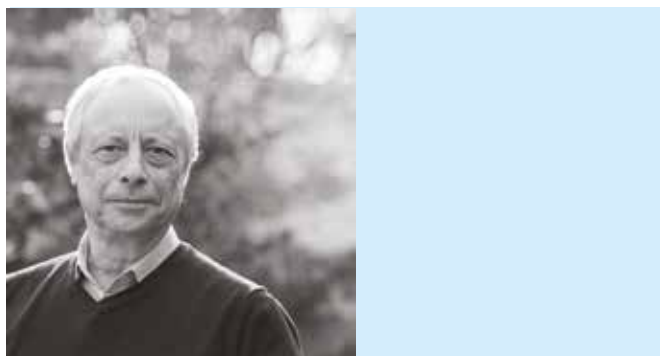
Editorial de Ana Brito Jorge

006. ARIANA COSME



"A escola não pode continuar a fazer-se só com professores, ainda que seja necessário reconhecer que eles devem assumir um papel decisivo – papel que os confronta com a necessidade de pensar e gerir o currículo de forma não estandardizada e burocrática (...). Por fim, é necessário que a avaliação seja entendida como fator potenciador de aprendizagens e de decisões relacionadas com este propósito. O ato de avaliar não pode continuar a ser construído como um veredito através do qual se legitima, acima de tudo, a seleção académica dos alunos. A inclusão também passa por aqui." *Questionário proposto por António Baldaia*

010. DAVID RODRIGUES



"O DL54/2018 é um marco em Portugal e no mundo. Esta legislação é consistentemente mencionada e elogiada por organizações internacionais de referência, como a UNESCO, a OCDE e as Nações Unidas. (...) Não diria que encontrámos a perfeição: as leis não são mandamentos intemporais, têm sempre imperfeições, imprecisões, que vão fazendo caminho e sendo corrigidas à medida que são aplicadas; temos de continuar a aperfeiçoar e a clarificar aspetos que já sabemos que precisam de ser clarificados. (...) Ouve-se muitas vezes dizer que a lei é boa, mas a sua aplicação é menos boa. A nossa missão é aproximar princípios bons – aqueles que sabemos por experiência e ciência que são os mais adequados – do trabalho pedagógico que se faz nas escolas." *Questionário proposto por António Baldaia*

014. A diferença entre saber o nome da 'coisa' e conhecer a 'coisa'

A incerteza sobre a eficácia da vacina e o que não foi dito sobre os testes clínicos, em termos de efeitos adversos, colocam-nos perante uma incerteza a que não se pode escapar.

Amélia Veiga

016. Os desafios da pandemia

Importa pôr em relevo o caráter decisivo da responsabilidade pessoal, o que implica desenvolver e aprofundar o sentido crítico a partir da valorização dos sentimentos mais genuinamente humanos.

Manuel Matos

018. Regresso à escola

Embora de diferentes modos, ninguém escapa às consequências deste confinamento forçado e dos comportamentos de proteção e de adaptação familiar, laboral e escolar a que nos tem obrigado.

Carlos Cardoso

020. A nova 'verdade educativa': soft skills

Um discurso que invade o campo educativo e o faz corroborá-lo, ignorando o sentido do laço social, da corresponsabilidade social, anunciando uma certa apologia do vórtice social.

Henrique Vaz

022. A vida na educação e a educação para a vida

É possível ter ao mesmo tempo conteúdos curriculares motivadores e atividade escolar que suscite a participação ativa de todos os estudantes.

Jaime Silva

024. "Há qualquer coisa de podre na Educação"

É inaceitável um processo de aprendizagem que não comece no aluno. Porém, permanece o princípio da hierarquia que se inicia no decisor político e termina no professor.

André Escórcio

026. Os maltratados e esquecidos professores

Pode haver muito conhecimento científico-pedagógico, muita experiência didática, muito domínio de relações afetivas, mas o cansaço é cada vez maior e a paciência vai-se esgotando.

Rafael Tormenta

028. Ser professor: o conhecimento profissional como questão a debater

Num tempo em que se tende a alienar a Escola como espaço de empoderamento culturalmente significativo, o conhecimento profissional dos docentes assume lugar de destaque.

Ariana Cosme e Rui Trindade

030. Críticas e elogios à escola pública

As críticas à escola pública foram-se sucedendo. Umas, *negacionistas*, apostadas na privatização da educação; outras, *propositivas*, com diferentes origens, amplitudes e nuances motivacionais.

Almerindo Janela Afonso.

032. La Navaja de Hanlon

He rescatado de la estantería «El poder de la estupidez», de Giancarlo Livraghi, porque he querido refrescar algunas ideas para tratar de comprender algunos hechos recientes.

Miguel A. Santos Guerra

034. A perda da memória em ciência

O critério dos últimos cinco anos para pesquisa bibliográfica sobre o objeto a investigar toma o campo enunciativo como homogéneo, invisibilizando linhas de força e regras de produção de objetos, enunciados e conceitos.

Luís Fernandes

036. O todo em farrapos

Assiste-se a uma apropriação do ‘social’ por engenheiros, políticos, tecnocratas, etc., de forma abusiva, descontextualizada e banalizada. Ora, um cientista social não arrisca discutir física quântica com um físico...

Ana Vieira e Ricardo Vieira

038. Allegro ma non troppo

Atualmente, não são as ciências sociais e da educação que sustentam os alicerces principais da governação educacional, mas a estatística e a nova ciência dos dados.

Rosanna Barros

040. ANTÓNIO FRAGOSO



“Não temos, propriamente, um subsector público de educação de adultos; temos é coisas mais ou menos parcelares e algumas iniciativas de segunda oportunidade para os adultos que deixaram a escola numa idade em que não o deveriam ter feito. (...) E isto quando temos os adultos com menores qualificações da Europa toda. (...) Organizar um sistema de educação de adultos coerente, que leve em consideração as próprias características dos adultos, que não os infantilize, e que permita que possam retornar à educação mantendo a atividade produtiva, já seria algo que, em pouco anos, poderia fazer imenso pelo país.”

Entrevista realizada por Maria João Leite

046. Las calles de la ciudad tienen nombre

Los nombres de las calles de nuestra ciudad nos invitan a preguntarnos por su significado profesional y moral. Nos están educando desde la calle, todos los días, y a miles de ciudadanos.

José M. Hernández Díaz

048. Prever o futuro para traçar o destino

Quando milionários de países longínquos compram terras e constroem residências em Portugal, para passarem férias ou o resto da vida, os portugueses correm o risco de não poderem traçar o próprio destino.

Leonel Cosme

050. Convivência de circunstância

Inevitavelmente, abordámos o estado da saúde da nação, agora que a população mundial esconde literalmente parte da cara, sem saber se para se proteger ou para proteger o outro.

Pascal Paulus

052. Fábrica de carimbos

O desequilíbrio de poder toma rosto sempre que os cidadãos interpelam a administração pública e da justiça, ou os balcões das empresas, para a resolução de questões pessoais.

Luís Vendeirinho

054. A existência na (auto)narração: intermitências da memória

No clássico *Cem Anos de Solidão*, universalizado pela pena de Gabriel García Márquez, encontramos logo à partida um realce que expressa a dimensão narrável que nos constitui.

Ivonaldo Leite

056. Poesia na escola: contributo para a exploração do real e do imaginário

Real e imaginário vão compor o despertar da curiosidade, a aquisição de novas ideias, o enriquecimento do vocabulário, o pensar reflexivo e a expansão e expressão de sentimentos.

José Miguel Lopes



058. 'Fazerpensarsentir' o mundo com os cotidianos

Se, por um lado, a pandemia provocou uma barreira física, por outro, notamos as diversas criações de docentes e discentes a partir dos inúmeros artefatos digitais com os quais precisaram trabalhar.
Izadora Agueda, Juliana Rodrigues, Michelle Trancoso

060. Cultura em tempos de pandemia

Cinco agentes da cultura refletem sobre o impacto da pandemia. Antônio Capelo, Manuel Cruz, Manuela Matos Monteiro, Pedro Magalhães e Rui Spranger partilham preocupações e expectativas para o futuro.

Reportagem de Maria João Leite

064. Algo vai mal no reino do rato

A Disney anunciou o despedimento de 4.000 trabalhadores até ao final de março, além dos 28.000 que começaram a receber notificações em outubro.

Paulo Teixeira de Sousa

066. CONSTANÇA PAÚL



“Quando pensamos em pessoas mais velhas, um dos problemas é o tempo, o tempo que lhes resta para viver e que não vão recuperar mais. Nos mais velhos não há lugar para adiamentos, não há a perspetiva de deixar para mais tarde, porque pode não haver esse outro tempo no futuro. Essa é uma grande diferença relativamente aos mais jovens – que também perderam encontros, brincadeiras, amores, mas poderão recuperar parte delas no futuro, enquanto os velhos não.”

Entrevista realizada por Maria João Leite

072. PEJÃO, 20 ANOS DEPOIS

Portefólio de Pereira Lopes

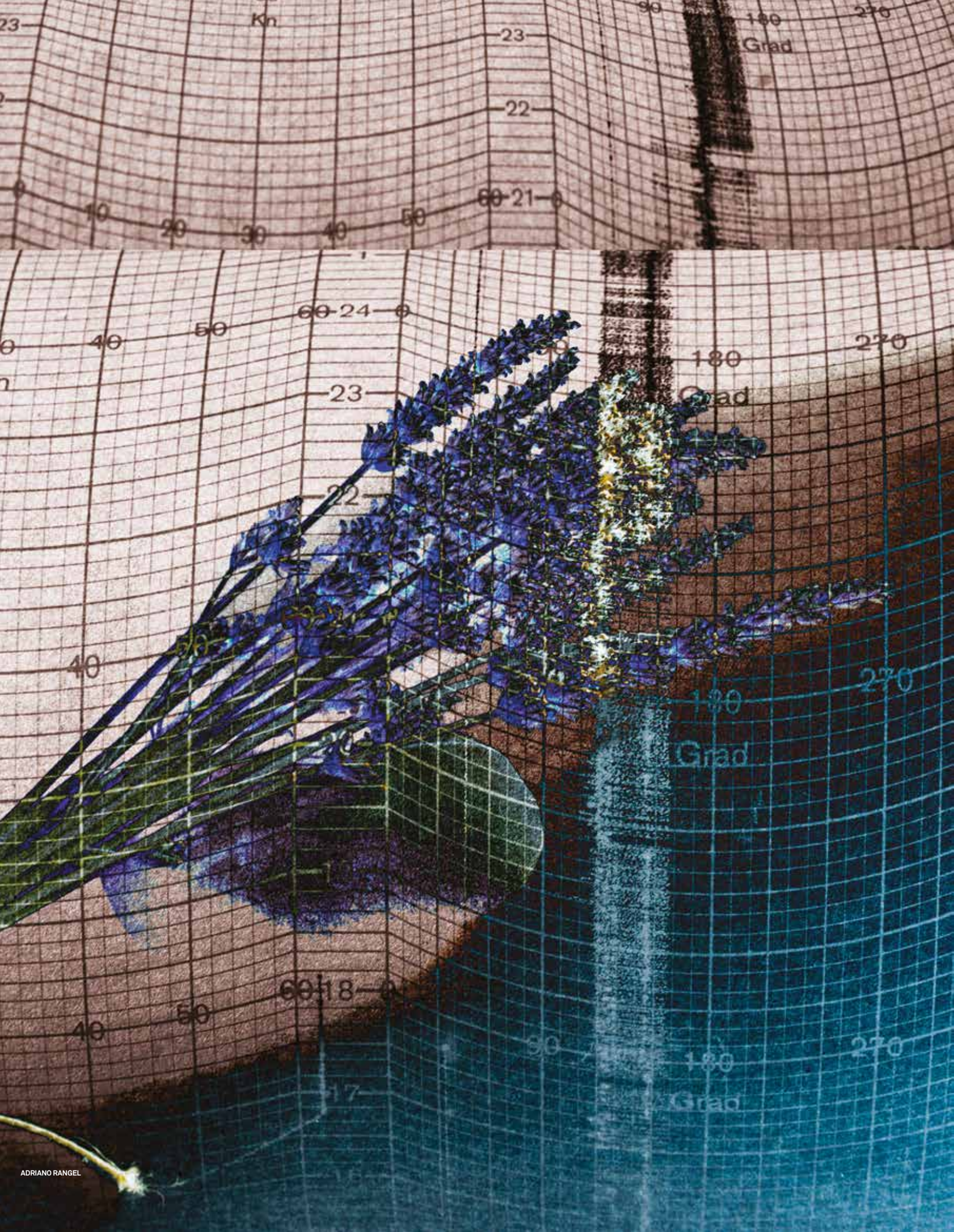


086. Crianças & Objetos: olhares sobre as infâncias

Os objetos estão carregados de significados e colaboram para constituir, sustentar ou transgredir sentidos culturais dos modos de ser criança e viver a infância.

Ana Paula Aprato





Kn

Grad

23

22

21

24

23

22

180

Grad

270

180

Grad

270

18

17

180

Grad

270

Contra ventos e marés... pelo ‘bem comum’

“Hoje, a Humanidade está dividida não só entre os que dominam e os dominados, mas sobretudo entre os que sabem e os que não sabem. É um paradoxo: ao mesmo tempo que o saber é cada vez mais universal e eficaz, isso não se traduz numa Humanidade mais humana e mais sábia.”

Eduardo Lourenço (Expresso, 02.07.2017)

Tudo foi mais intenso. Podemos dizer que, para o melhor e para o pior, a vida cavou mais fundo, a cada volta que deu à nossa volta. A dor foi maior, a morte rondou mais perto, a escassez e a solidão alastraram. Contudo, houve laços que envolveram, mãos que se deram e forças que se inventaram. Abriam-se portas nunca imaginadas. Não temos desculpa para desistir...

Contra a tentação de permitir que se instalem e perpetuem as marcas de uma fragilidade nunca antes constatada na raça humana e que dela nasçam novas desigualdades e novos desprotegidos. Contra o peso quase sufocante da visão economicista da ‘recuperação da crise’, como se não fossem as pessoas o ‘bem’ que tem de começar por ser recuperado.

Contra a menorização do que é o conhecimento, entendido na sua globalidade, e uma cultura de valores de cidadania assente na aplicação plena dos Direitos Humanos.

Elegemos, agora mais do que nunca, a Escola como centro libertador e promotor da afirmação do ser humano completo, íntegro, autónomo e capaz de intervir socialmente. Esta perspetiva alarga-se quando adaptada e aplicada em todas as fases da vida e em todas as situações de diversidade funcional. A Escola humaniza, a Escola eleva e atua sobre as discriminações de condição socioeconómica, de etnia, de género, de idade...

Preocupamo-nos com os mais velhos e com a obrigação social de garantir que ter menos vida para viver não retira direitos às pessoas e que, pelo contrário, serão procuradas soluções para que possam continuar a viver sem a ameaça de um fim de vida sob tratamento infantilizado e indigno.

Queremos uma Cultura viva, porque tem resistido à pandemia pagando um preço muito alto, mas, ainda assim, é possível recuperar a força, o ânimo e os postos de trabalho de quem a ama e a faz.

Libertaremos amarras, puxaremos os fios, para que os mais frágeis possam emergir da asfixia e aceder ao grande ‘bem comum’ que é uma vida com todos os direitos.

A busca de um “pensamento [particularmente exigente e crítico] eivado de esperança, fundamentada e prudente, que nos ajude a perspetivar o futuro para além do imediato e da contingência”, de que nos falou Isabel Baptista no editorial do verão, mantém-se como traço dominante nesta edição. Não desistimos, esta é a vocação da PÁGINA.

Ao entrarmos neste 2021, portador de tantas desconfianças e temores, deixamos a todas as pessoas que, em generosa entrega, colaboraram connosco os votos de que não lhes falte o indispensável ânimo e que vejam brilhar, terna, em cada dia, aquela “pequenina luz bruxuleante” que Jorge de Sena nos legou...

Um saudável e feliz 2021!



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO
DE00252014RL/RCM/N
PODE ABRIR-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL

O que há de novo no mundo contemporâneo não é o facto nem mesmo o grau de inumanidade que a persistência da fome, da doença, da total exclusão de milhões de homens de um mínimo de dignidade ou até da hipótese de sobrevivência revela, mas a constatação de que este fenómeno coexiste com o espetáculo de uma civilização aparentemente dotada de todos os meios, de todos os poderes, para a abolir.

Eduardo Lourenço [1923-2020]

O Esplendor do Caos, 1998

